

**MATE, Alexandre.** A questão da acessibilidade no teatro de rua e a transformação de um local indistinto, como a artéria pública, em espaço de trocas de experiências simbólicas. São Paulo: Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”; Professor Doutor.

### RESUMO

O texto busca apontar questões fundamentais acerca do conceito de acessibilidade para que o chamado teatro de rua exista e se cumpra, priorizando, questões como: acessibilidade geográfica — deslocamento da obra pela cidade; acessibilidade quanto às temáticas — contemplando tanto uma interpretação sem desvãos psicológicos e intersubjetivos quanto constituição de textos cujos pontos de vista correspondam àqueles dos sujeitos apartados do acesso aos espaços de representação fechados e acessibilidade visual, que precisa lastrear-se em alegorias.

**Palavras-chave:** Teatro de Rua. Acessibilidade. Troca de Experiência. Teatralidade Popular. Teatro Épico.

### ABSTRACT

The text indicates important issues concerning the concept of accessibility for the existence of the street theater; prioritizing things such as: geographic accessibility - dislocation of the work by the city; accessibility of the subject – contemplating a interpretation of no psychological concealed spaces and also constitution of texts which the points of view correspond to those from the people deprived of access to closed spaces of representation; and visual accessibility, which needs spread allegories.

**Keywords:** Street Theater. Accessibility. Exchange of Experience. Popular Theatricality. Epic Theatre.

Mesmo do ponto de vista teórico, é difícil vencer alguns conceitos e apresentá-los de forma concisa e sumária. Tarefa árdua vencer os conceitos difíceis quando estes vêm premiados por pontos de vista “naturalizados” e consagrados; portanto, revisitá-los a partir de outras determinações requer disciplinadíssima hermenêutica. O teatro apresentado na rua, por exemplo, não pode ser avaliado do mesmo modo que aquele de caixa: são homotetias díspares.

Desde os primeiros registros documentais acerca do teatro, tem vencido e imperado — na verdadeira luta de trincheiras e de classes — entre o teatro erudito e o teatro popular, os pontos de vista do primeiro sobre o teatro. Assim, além de subsumidos da história, os artistas fazedores da cena da rua, nas raras vezes em que suas obras analisadas — ainda que por sujeitos bem intencionados — são submetidos aos critérios e à lógica canônica do teatro de caixa, sem considerar as particularidades, absolutamente inesperadas, da rua. O que ocorre nesse procedimento é a subsunção, do ponto de vista epistêmico, a um ideal apriorístico, que recusa o próprio objeto. Além da coisificação do sujeito e do objeto, é absolutamente perverso analisar o teatro de rua atendo-se aos conceitos consagratórios do teatro enclausurado e protegido da caixa.

Para compreender o teatro de rua — aquele que se faz totalmente em ato e partilha com o espectador, em que o texto é apenas ponto de partida —, urge pensar no conceito de acessibilidade.

Acessibilidade, além do sentido do substantivo acesso (latim *accessu*), referindo-se à chegada, aproximação; ao transformar-se no adjetivo acessível, também do latim (*accessibile*) ganha novos sentidos, como: praticável, inteligível. Para além da mera ressignificação semântica, o teatro de rua, no sentido de se caracterizar em uma linguagem estética inteligível e praticável, precisa ser acessível a todos. Então, é fundamental que sua acessibilidade seja geográfica (desloque-se, permanentemente); temática (assuntos precisam ser relevantes e adotar a óptica dos sujeitos a quem, majoritariamente, a obra se destine); interpretativa (a partir de uma determinada óptica o artista precisa priorizar o épico e o *gestus*, em relação de troca e de provocação); simbólico-visual (busca do alegórico).

(Texto incompleto. Sem fundamentação bibliográfica.)